

# O caminho enviesado: a vida re-apresentada em *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa

Josué Borges de Araújo Godinho

## Resumo:

O trabalho discute questões da teoria da literatura ligadas à representação, ou mimesis, importante tema para os estudos literários. A *mimesis* é abordada em *Grande sertão: veredas* a partir da representação que Riobaldo faz de si ao contar suas vivências a seu interlocutor, o que o leva a uma catarse de si mesmo.

Palavras-chave: teoria da literatura; filosofia; Riobaldo; *mimesis*; catarse.

Veja você, Lorenz, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza. Está no nosso sangue narrar estórias; já no berço recebemos esse dom pra toda a vida. Desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nos criamos num mundo que às vezes pode se assemelhar a uma lenda cruel. Deste modo a gente se habitua, e narra estórias que correm por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens. Assim não é de estranhar que a gente comece desde muito jovens. Deus meu! No sertão, o que pode uma pessoa fazer do seu tempo livre a não ser contar estórias? A única diferença é que eu, em vez de contá-las, escrevia.

(Günter Lorenz, *Diálogo com Guimarães Rosa*)

Em entrevista concedida por João Guimarães Rosa a Günter Lorenz, ao ser questionado pelo entrevistador sobre o motivo que o levou a se tornar escritor depois de ter sido médico, rebelde, legalista, soldado, diplomata e, finalmente, chefe da seção para problemas de fronteira do Ministério das Relações Exteriores, Rosa é sucinto ao responder, explicando ao interlocutor o cotidiano do sertão. Segundo o escritor, no sertão, o homem e a vida são fabulosos por natureza; ele nasce, cresce e morre ouvindo e contando histórias e causos, e essas histórias passam, então, a fazer parte de seu organismo, do metabolismo dos sertanejos. Rosa explica ainda que, como todos crescem nesse meio envolto por lendas e imaginações, o ambiente do sertão transforma-se na alma do sertanejo, em sua identidade.

Dando seqüência à definição do ambiente sertanejo explanado por Rosa, ele responde ao entrevistador com a seguinte pergunta: "Deus meu! No sertão, o que pode uma pessoa fazer do seu tempo livre a não ser contar estórias?" (LORENZ, 1994,

p. 33) Nascido e criado em Presidente Olegário, uma pequena cidade do interior mineiro, no sertão, noroeste de Minas Gerais, sinto-me autorizado a reafirmar a resposta de Guimarães Rosa. No sertão, ainda hoje, nesse início de século XXI, não há muito que fazer do tempo livre a não ser escutar ou contar causos ainda não contaminados pelo progresso. E é bom que seja assim. Aliado de grande parte desse desvairado progresso tecnológico que o mundo contemporâneo proporciona ao homem, o sertão ainda permite a seus habitantes, numa tarde de dia de feira ou numa manhã de domingo, sentar em volta de uma mesa ou à porta da cozinha e fantasiar histórias. Privado, ou, quem sabe, privilegiado pela falta de muitos dos recursos desse mundo imediatista, desse mundo pautado pelo acontecimento simultâneo das coisas num tempo sem tempo, em que dificilmente é possível perceber o acontecer da vida, o ambiente sertanejo se permite cumprir uma das premissas da atividade literária, ou seja, a criação de realidades.

Ao contar suas histórias e causos, o sertanejo mistura realidade e ficção, traçando nuances entre fatos acontecidos e o desejo de fatos imaginados. Distante do progresso tecnológico, da rapidez da metrópole, o homem do sertão constrói suas realidades e suas leis, ao fazê-lo, aproxima-se de uma das condições estabelecidas por Aristóteles em relação à criação poética, segundo a qual o poeta deve representar um mundo "possível segundo a verossimilhança e a necessidade" (ARISTÓTELES, 1979, p. 249). Nesse sentido, sendo fabuloso por natureza, ao contar histórias, o homem sertanejo mantém vivo e constante aquele mundo que ele mesmo constrói, diariamente, em suas lendas e causos.

Há em *Grande sertão: veredas*, dentre a grande quantidade de interessantes estórias, uma que requer maior atenção, ou seja, a passagem da narrativa em que Riobaldo, em seu desejo incontido pelo amor de Diadorim, sonha com o amigo passando por debaixo do arco-íris. Reza a lenda que aquele que passar debaixo do arco-íris, ao sair do outro lado, tem seu sexo invertido, transformando-se em homem a donzela e em donzela o varão. Ora, Riobaldo nada mais faz do que construir, representar um mundo em que seu amor por Diadorim se torne possível, ou seja, imaginando o amigo como um homem, o jagunço sonha com a transformação do companheiro em mulher, tornando possível a consubstanciação do amor.

De maneira semelhante, ou seja, em relação à manifestação do poder da palavra, acontece ainda com o Diabo que, segundo o narrador rosiano, os habitantes do sertão não devem pronunciar o seu nome, para que assim não se concretize a sua presença. No sertão, de acordo com o narrador rosiano, referem-se ao Diabo apenas como o Coisa-Ruim ou o Cão, e essa referência, na maioria das vezes, é seguida de um categórico *vade-retrum*, ou "te esconjuro, Satanás", como forma de expurgar a sua influência maligna. Dessa forma, no sertão, a palavra é carregada de grande poder, posto que a invocação do nome do Diabo carrega em si o risco de se fazer presente a sua influência. De modo que, nesse estilo de vida, a palavra, quando acesa, não há de queimar em vão.

Nesse sentido, ao travar o primeiro cont(r)ato de leitura com o *Grande sertão* de Guimarães Rosa, o olhar com que recebi o seu texto, ao contrário do que poderia suceder ao homem da metrópole, alheio aos costumes interioranos, foi um olhar de reconhecimento, e não de estranhamento. Tudo era familiar, da topografia à linguagem peculiar empregada por Rosa. De forma que, ao ler a obra do escritor

mineiro, a sensação foi semelhante àquela transmitida pelo crítico Paulo Rónai, segundo o qual, "como prêmio pelo esforço exigido pela leitura, saímos dela com a impressão de termos participado um pouco da obra de ficção, de termos compartilhado não só as vicissitudes das personagens, mas também a alegria criadora do autor" (RÓNAI, 2001, p. 15-16).

Antonio Candido, em seu ensaio "O homem dos avessos", defende que "na extraordinária obra-prima *Grande sertão: veredas* há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício" (1994, p. 78). Seguindo esse pensamento de Antonio Candido, nós, iniciantes pesquisadores da obra rosiana, concordamos com a premissa proposta pelo próprio Rosa, segundo a qual ele diz que seus "romances e ciclos de romances são na realidade contos nos quais se unem a ficção poética e a realidade" (ROSA, 2001, p. 35). União criada também por Riobaldo, dentro de sua própria ficção construída na narrativa do *Grande sertão: veredas*.

A partir dessa conjunção entre realidade e ficção, refletida pela narrativa riobaldiana, foi que definimos o objetivo da dissertação apresentada, analisando e pesquisando os mecanismos diegéticos de Riobaldo, esse sujeito fragmentado e especular que, na extensa narrativa da obra proposta, se constrói a si mesmo, dando-se à existência de seu próprio ser, iluminada por sua palavra. Para tanto, foi necessário, num primeiro momento, abordar questões referentes à construção da memória, da relação da memória com a *mimesis*, conceito a partir do qual é analisada a construção do sujeito narrador e, a partir da representação provocada pela linguagem, pela narrativa em primeira pessoa, tentamos chegar a uma catarse experimentada pelo próprio narrador depois de construir-se, de analisar-se e de afirmar-se.

A memória, ao longo dos tempos, tem sido objeto de pesquisa de áreas as mais diversas. No campo das ciências humanas, ela é objeto de interesse da história, da sociologia, da filosofia, da antropologia, das artes e da literatura. É também interesse de áreas como a psicologia, a psicanálise e a psiquiatria. Não sendo nosso enfoque principal ao analisarmos a obra de Guimarães Rosa, mas sendo indispensável para que chegássemos à questão pretendida, abordamos a memória como recurso diegético necessário para que Riobaldo pudesse contar sua história, produzindo, então, uma *mimesis* de si e esboçando, sobre si, uma espécie de efeito catártico.

Optamos, então, por abordar textos da tradição clássica, como a *Teogonia*, de Hesíodo e *As confissões*, de Santo Agostinho. Textos que, embora separados por uma considerável extensão temporal – o que inevitavelmente acarreta características próprias do pensamento de cada época – carregam semelhanças entre si. Em ambos os pensadores, a memória é considerada a partir da conjunção, ou comunhão com os deuses. Ou seja, no texto hesiódico entendemos que o poeta depende do canto das Musas para escrever os seus versos. Já em Agostinho, o homem, em sua relação com a memória, está, de certa forma, condicionado à sua relação com seu criador.

Embora ambos admitam a possibilidade de esquecimento, Hesíodo, por exemplo, diz que as Musas foram geradas para "oblivio de males e pausa de aflições" (HESÍODO, 2003, p. 107-108), enquanto Agostinho deixa transparecer a idéia da possibilidade de controle da memória ao afirmar:

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Quando lá entro mando comparecer diante de mim todas as imagens que quero. Eu, então, com a mão do espírito, afasto-as do rosto da memória, até que se desanuvie o que quero e do seu esconderijo a imagem apareça à vista (AGOSTINHO, 1973, p. 200).

Ainda que o posicionamento de Agostinho em relação à memória tenha contribuído para a análise da narrativa rosiana, acreditamos que a memória de Riobaldo tenha traçado um percurso diverso, aproximando-se mais da opinião de Samuel Beckett, segundo a qual a memória não é um "índice remissivo do Velho Testamento do indivíduo" (BECKETT, 2003, p. 31). Riobaldo parece traduzir algo semelhante a este pensamento beckettiano ao afirmar sobre suas lembranças que estas são "memórias que não me dão fundamento", e completa: "O passado – é ossos em redor de ninho de coruja..." (ROSA, 2001, p. 37). Dessa forma, concordamos que o que o narrador tem para construir sua narrativa é um passado fragmentado, como os ossos no ninho da coruja, a memória é como um amontoado de retalhos sobre os quais o narrador deverá atuar como um cerzidor ao tentar reconstruir esse passado sob a ótica do momento presente.

Nesses termos, a narrativa riobaldiana torna-se, portanto, não uma construção sob a ótica da memória, mas uma desconstrução que, a partir da possibilidade de desconstruir-se, atua como uma re-construção, uma re-elaboração do que é oferecido pela ilusão de referencialidade do passado puro. Esse sentido de desconstrução é atribuído pelo pensamento derridiano, compreendido como a "impossibilidade de completar, de totalizar, de saturar, de acabar qualquer coisa que seria da ordem da edificação, da construção arquitetural" (DERRIDA, 2002, p. 12). E é a partir desse pensamento que a memória pode ser associada à traduzibilidade de algo, passado ou futuro, de onde se poderá analisar sua ineficiência em relação a uma tradução verdadeira. De sorte que, associada ao conceito derridiano de desconstrução, a memória funciona como um sistema em desconstrução em relação à ilusão referencial que se tem quanto ao que diz respeito ao ato mnemônico enquanto resgate do passado.

A partir desse ponto, partimos para o problema da *mímesis* riobaldiana e abrimos a seguinte questão: vinculada ao ato mnemônico, a *mímesis* será *mímesis* de que, ou para quê, visto que a fragmentação do vivido e as lacunas são elementos fundamentais no construto narrativo do personagem de Rosa? Imprescindíveis, portanto, para o ato mimético?

Notamos, pelas falas de Riobaldo, um constante e insistente desejo de saber, de entender o mundo, como nesse trecho: "Eu queria decifrar as coisas importantes" (ROSA, 2001, p. 40) o que aproxima seu pensamento à especulação filosófica, que será tão mais aguçada ao se deparar com os frutos que a memória lhe dá, revelando-lhe um passado fragmentado e lacunar. No entanto, ao passo que Riobaldo narra, ele percebe que há memórias importantes que se lhe vão revelando e que são elementos essenciais para que ele, como cerzidor, possa fazer as amarrações necessárias para a re-apresentação de sua vida. Nesse ponto, havemos de concordar com Walter Benjamin no momento em que ele diferencia entre vivência e experiência. Segundo o pensador, a vivência constitui-se de fatos presenciados pela consciência, já a

experiência, ao contrário, é acumulada pelo sujeito sem intervenção da consciência (BENJAMIN, 1989, p. 108). De forma que ao narrar, Riobaldo deve agir de forma interpretativa sobre o que se lhe apresenta, cabendo à sua inteligência reconhecer o que acumulou como experiência.

No decorrer da narrativa, o narrador rosiano estabelece três diferentes diálogos, o primeiro, com o interlocutor que chega em sua casa; no segundo, ele fala do diálogo que teve com o diabo nos tempos de jagunçagem, e um terceiro estabelecido consigo mesmo, o qual remonta ao diálogo socrático-platônico. Do diálogo com o interlocutor, podemos dizer que é importante pelo fato de que, sendo desconhecido, esse interlocutor servirá para que Riobaldo possa voltar sua narrativa sobre si, estabelecendo um diálogo consigo mesmo, como afirma o próprio narrador: "O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isso mesmo. Falar com estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: *faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo*" (ROSA, 2001, p. 55). De forma que, ao falar consigo mesmo o que Riobaldo termina por fazer é cumprir uma das premissas da *mímesis*, ou seja, ao narrar, apresenta-se ao interlocutor e a si mesmo, de sorte que a apresentação que ele se faz constitui-se, ao fim, em uma re-apresentação de sua própria vida, construída por sua linguagem.

Nesse sentido, uma aproximação com o canto das Musas torna-se oportuna, visto que Jaa Torrano, em estudo sobre a *Teogonia*, de Hesíodo, afirma que: "O nome das Musas é o próprio ser das Musas, porque as Musas se pronunciam quando o nome delas se apresenta em seu ser, quando as Musas se apresentam em seu ser, o ser-nome delas se pronuncia" (TORRANO, 2003, p. 192). A partir desta aproximação entre a narrativa de Riobaldo e o canto das Musas, podemos concordar que o ser do personagem rosiano será construído/criado, no decorrer da narrativa, através de sua própria palavra.

Ao travar diálogo com o diabo, o que Riobaldo pretende, dotado de uma visão essencialista, é desmisturar o seu ser da essência maligna daquele, visto que o narrador não suporta misturas ou mestiçagens de quaisquer espécies, como ele mesmo afirma ao interlocutor: "Eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero todos os pastos demarcados" (ROSA, 2001, p. 192). No entanto, com o desenrolar da narrativa, ele percebe que é impossível conceber o homem com esse olhar de pureza, conceber as coisas todas separadas, em seu devido lugar. Ele percebe paulatinamente que o homem é um ser híbrido, misturado e que se mistura, como afirma no seguinte trecho: "Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos" (ROSA, 2001, p. 26).

O diálogo com o diabo funciona, como com o outro interlocutor, como uma maneira de Riobaldo voltar sua narrativa sobre si. As questões levantadas por ele sobre a existência ou não existência do diabo levam-no a questionar a sua própria existência, visto que, ao firmar um pacto com o maligno, o pacto é feito com o que não existe. Ao envolver-se nesse diálogo especular, Riobaldo pretende purificar-se, como afirma Ronaldo de Melo e Souza, ele faz "um katharmós verbal", ou seja, uma tentativa para a "purificação de seu próprio ser" (1978, p. 114). No entanto, essa purificação verbal não funciona exatamente como uma purificação catártica, no sentido

de deixar puro. No diálogo riobaldiano a purificação sói acontecer de forma diferente, ou seja, a catarse aí existe no sentido de levar o narrador a interpretar a vida, reconsiderando assim diversos pontos e passagens.

Nesse sentido, de reinterpretação e reconsideração, acreditamos que Riobaldo cumpre e executa uma catarse sobre si ao re-apresentar sua vida. Essencialista que era, ele chega ao fim da narrativa com um ponto de vista diferente daquele que pretendia estabelecer as coisas todas separadas umas das outras. E ponto nodal de sua catarse encontra-se na afirmativa, a derradeira da narrativa, de que o que existe é o homem. Homem que pode misturar-se ora à existência divina, ora à demoníaca. Um homem tão cheio de veredas como o sertão, titubeante como a travessia da vida.

#### Abstract:

This article discusses literary theory issues related to representation, or mimesis, an important theme to literary studies. Mimesis is viewed in *Grande Sertão: Veredas* from the representation that Riobaldo makes of himself when he tells his life experiences to his interlocutor. It takes the narrator to a catharsis.

Keywords: literary theory; philosophy; Riobaldo; mimesis; catharsis; *Grande sertão: veredas*.

#### Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BECKETT, Samuel. *Proust*. Trad. Arthur Nestrovski. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v. 1, p. 78-92.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- HESÍODO. *Teogonia*. Trad. J. A. A. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v. 1, p. 27-61.
- RÓNAI, Paulo. Três motivos em *Grande sertão: veredas*. In: ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. *Ficção e verdade: diálogo e catarse em Grande sertão: veredas*. Brasília: Clube de Poesia de Brasília, 1978.

TORRANO, J. A. A. O mundo como função das Musas. In: HESÍODO. *Teogonia*. Trad. J. A. A. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995. p. 11-102.